



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAIANE FONTES ALVES

**A VARIAÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE EM TEXTOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE
TRIUNFO-PE**

SERRA TALHADA – PE
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAIANE FONTES ALVES

**A VARIAÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE EM TEXTOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE
TRIUNFO-PE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Renata Livia de Araújo Santos.

SERRA TALHADA – PE
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

j25v Alves , Jaiane
 A VARIÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE EM TEXTOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
 MÉDIO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE TRIUNFO-PE / Jaiane Alves . - 2020.
 42 f. : il.

 Orientadora: Renata Livia de Araujo .
 Inclui referências.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras,
 Serra Talhada, 2020.

 1. sociolinguística . 2. a gente. 3. nós. 4. livro. I. , Renata Livia de Araujo, orient. II. Título

CDD 410

JAIANE FONTES ALVES

**A VARIAÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE EM TEXTOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE
TRIUNFO-PE**

Monografia Apresentada e Aprovada em: 19 de Outubro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Lívia de Araújo Santos (UFRPE/UAST)
(Orientadora)

Profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE/UAST)
(Examinadora 1)

Profa. Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães (UFRPE/UAST)
(Examinadora 2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por ser meu maior ouvinte em todos os momentos de turbulência, de aflição, de desânimo, de falta de esperança para conquistar o objetivo maior, e também por todos os momentos de vitória onde sua presença era sentida sempre.

A mim mesma, pois, apesar de tudo eu sempre acreditei em mim, no meu potencial, na minha força. Reconheço todo o meu esforço e me sinto orgulhosa por ter chegado até aqui.

A minha família, pais e irmãos, em especial a minha mãe (Lucineide) e o meu pai (José), que não mediram esforços para me ver concluir, por todas as palavras de incentivo que me passaram, por todas as vezes que mensuraram vosso orgulho pela minha formação, mesmo sem entender sobre esse universo tão vasto que é a universidade.

A minha professora de língua portuguesa do ensino médio Francisca Lúcia, que foi primitiva em me incentivar a trilhar esse caminho.

Aos meus colegas de turma, por todas as noites e momentos compartilhados, em especial a Romero, um ser humano abençoado, que esteve sempre presente contribuindo para que todas as dificuldades fossem vencidas, e a Laryssa, a qual me falta palavras para descrevê-la. Ela que sempre esteve comigo pra tudo, que me ajudou imensamente, que sempre disse que chegaríamos juntas ao final dessa etapa da nossa vida, que se tornou mais do que colega de classe, mas uma grande amiga para a vida. A ela só tenho gratidão e admiração.

A todos os meus professores da UAST, eles que me proporcionaram tamanho aprendizado e evolução.

Também as professoras supervisoras do ESO (Estágio Supervisionado Obrigatório), por todo acolhimento e contribuição.

A professora Dorothy Brito, que iniciou a orientação para meu trabalho de conclusão de curso, me ajudando na escolha do caminho a seguir.

A minha orientadora Renata Livia, por acolher a minha pesquisa com tanta maestria e por ser tão humana para comigo, estando sempre disposta em todas as horas para que tudo fosse concluído.

A meu esposo Wellington, por ser um anjo enviado por Deus. Ele que chegou exatamente nesta última etapa, mas que foi essencial, me dando todo apoio, incentivo e ajuda necessária. Ele que me mostrou e me mostra todos os dias sempre os melhores caminhos a seguir.

A todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte de toda minha jornada na graduação. Obrigada!

*Sejamos incontroláveis então ... e que a gente não
desista porque ninguém acredita.*

(Machado de Assis)

RESUMO

Posicionando dentro de uma visão da língua em uso, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa qualitativa da frequência em que ocorre a troca do pronome pessoal NÓS pelo A GENTE em textos de livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio. O estudo procede pelo fato de que acreditamos que a variação entre os pronomes pessoais NÓS/A GENTE, apesar de apresentar maiores ocorrências na língua falada, também se apresenta na língua escrita, onde por sinal é encontrado nos manuais didáticos, objeto de estudo deste trabalho. Apresentamos nesta pesquisa considerações teóricas dos seguintes autores: Rebouças e Costa (2014); Labov (2008); Weinreich, Herzog e Labov (1968); Vitorio (2017) e Bagno (2007), que fundamentam este trabalho. Podemos definir nossa abordagem como qualitativa a partir de uma coleta quantitativa dos dados. Investigamos nosso objetivo a partir de 44 textos no livro do 3º ensino médio e em 12 textos do livro do 9º ano do ensino fundamental. Ao final, nossos resultados mostram que os fatores gênero textual que abrange a língua em uso e a escolaridade para a qual os livros foram destinados são altamente relevantes para o resultado obtido na pesquisa.

Palavras-chave: Língua em uso, NÓS/A GENTE

ABSTRACT

Positioning within a vision of the language in use, this work aims to make a comparative qualitative and quantitative analysis of the frequency in which the personal pronoun WE change for THE PEOPLE in textbooks of Portuguese language elementary school and high school. The study proceeds by the fact that we believe that the variation between the personal pronouns WE / PEOPLE, although it presents greater occurrences in the spoken language, is also presented in the written language, where by the way it is found in textbooks, for example is the object of study of this work. We present in this research theoretical considerations of the following authors: Rebouças e Costa (2014); Labov (2008); Weinreich, Herzog and Labov (1968); Vitorio (2017) and Bagno (2007), which substantiate this work. We can define our approach as quantitative, although we open brief qualitative discussions from data collection. We have investigated our goal from 44 texts in the 3rd grade book and 12 texts in the 9th grade book. We emphasize that only the texts where the variation was found were worked on in depth. In the end, our results show that the textual gender factor that covers the language in use and the age group for which the books were intended are highly relevant to the results obtained in the research.

Keywords: Language in use, WE / People

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-------|
| Quadro 1: Resultado da resposta da questão 1..... | 13 |
| Quadro 2: Resultado da resposta da questão 12..... | 15 |
| Quadro 3: Pronomes pessoais para a gramática normativa de Bechara (2009)..... | 17 |
| Quadro 4: Paradigma dos pronomes pessoais do PB, segundo Carvalho (2008)..... | 18 |
| Quadro 5: Pronomes pessoais na divisão clíticos e não-clíticos..... | 18-19 |
| Quadro 6: Ocorrências dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> no interior de São Paulo..... | 21 |
| Quadro 7: Quantidade e ocorrências da variação nos níveis de ensino..... | 28 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------|----|
| Figura 1: Texto 1 | 31 |
| Figura 2: Texto 2 | 32 |
| Figura 3: Texto 3 | 33 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPÍTULO I | 9 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 9 |
| 1.1. INTRODUÇÃO À TEORIA DA SOCIOLINGUÍSTICA | 9 |
| 1.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO | 11 |
| CAPÍTULO II | 16 |
| 2. PRONOMES | 16 |
| 2.1. O QUADRO DOS PRONOMES PESSOAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA | 16 |
| 2.1.1. VARIAÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE..... | 19 |
| CAPÍTULO III | 23 |
| 3. NATUREZA DA PESQUISA | 23 |
| 3.1. O <i>CORPUS</i> | 23 |
| 3.1.1. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA..... | 24 |
| 3.1.3. OS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS NESTA PESQUISA | 25 |
| CAPÍTULO IV | 27 |
| 4. A ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS | 27 |
| 4.1. FREQUÊNCIA E TRATAMENTO DO PRONOME A GENTE AO INVÉS DO PRONOME NÓS NO <i>CORPUS</i> | 27 |
| 4.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RESULTADOS..... | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFERÊNCIAS | 34 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu a partir da percepção de que a variação entre os pronomes nós e a gente, que é muito frequente na língua em uso, está presente em inúmeros textos dentro do livro didático (doravante LD), ainda que esta não seja trabalhada no contexto gramatical do livro. Apesar de ser um fenômeno já consagrado na fala dos brasileiros, o seu uso ainda não é tão discutido, inclusive por autores, que usam a forma nós sem discutir o uso da forma a gente como pronome pessoal. Essas formas nem sempre são levadas em questão, pelo simples fato de que nas escolas, geralmente, apenas aquilo que as gramáticas tradicionais (doravante GT) e livros didáticos oferecem, é que são levados a âmbito.

Sendo assim, objetivo central desta pesquisa é fazer uma análise comparativa qualitativa da frequência em que ocorre a troca do pronome pessoal NÓS pelo A GENTE em textos de livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental e do ensino médio, mais precisamente das séries finais desses níveis de ensino, como também analisar a partir dos resultados da variável, como os livros apresentam a variação linguística. Por serem livros elaborados para séries diferentes, levando em consideração faixa etária e escolaridade, os resultados gerais desta pesquisa podem estar relacionados a essa divisão, o que poderá ser analisado em uma análise quantitativa da variável.

Justificando assim, que o livro didático ainda continua sendo a principal ferramenta utilizada pelo professor em sala de aula, o que legitima e intensifica ainda mais a importância do debate em torno da temática proposta neste trabalho. Muitos professores do século XXI, em diversas escolas de todo o país, constroem seus planos de aula apoiados na sequência dos conteúdos didáticos ou no próprio manual que os livros do professor apresentam. De acordo com Oliveira e Wilson (2010) e Geraldi (1997), nestes manuais do professor, é onde há, geralmente, as respostas dos exercícios propostos ao longo do livro didático, além de trazer sugestões metodológicas para o trabalho com determinados assuntos em sala de aula.

Sendo assim, é por meio do LD que grande parte dos professores do Brasil tem acesso ao conhecimento, bem como os apoios pedagógicos para suas aulas. No entanto, apesar da relevância dos materiais didáticos para o cenário da escola brasileira, Coracini (2011, p. 11) pontua que “poucas são as obras que se ocupam em analisá-los, em problematizá-los, em estudar o seu funcionamento”.

Portanto, decidimos analisar o livro didático. Para isso, organizamos este trabalho da seguinte maneira: no capítulo 1 apresentamos uma breve discussão sobre a teoria da sociolinguística e sobre a variação linguística atrelada ao ensino. No capítulo 2 tratamos sobre

os pronomes pessoais da língua portuguesa e sobre a variação entre os pronomes NÓS E A GENTE, os quais conduzem o estudo. No capítulo 3 apresentamos o nosso *corpus*, objeto de estudo, além de fazermos uma abordagem sobre o ensino no livro de língua portuguesa. No capítulo 4 apresentamos a análise feita acerca do objetivo deste estudo, seguida das considerações a partir dos resultados obtidos, observando alguns contextos de reflexão sobre a variação linguística apresentados nos dois volumes em estudo.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos como aporte teórico do nosso trabalho, pressupostos defendidos por Rebouças e Costa (2014), Labov (2008) e Weinreich, Herzog e Labov (1968) no tocante à teoria da sociolinguística, sobretudo, aspectos relacionados ao panorama histórico, concepções e o campo variacionista.

Assim como, discorreremos sobre a pesquisa “Variação Linguística e Ensino: crenças e atitudes linguísticas”, de Vitório (2017), a respeito da variação linguística e do comportamento dos discentes diante desse fenômeno na escola, e trazemos a visão do autor Bagno (2007), para tratar sobre o preconceito linguístico.

1.1. INTRODUÇÃO À TEORIA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é o ramo da linguística que investiga a relação entre língua e sociedade, envolvendo aspectos como normas culturais, contexto social, língua em uso e os efeitos da língua na sociedade, apresentando as indagações para o estudo da língua “quem diz o quê? Onde? Quando? Como? Por quê?”. Como também, é uma linha de estudos que abre um leque para investigações sobre variação, mudança e preconceito linguístico, temáticas frequentes em estudo sobre o ensino.

Dessa forma, a teoria da sociolinguística no ensino é bastante discutida entre os linguistas, prova disso, são as inúmeras pesquisas realizadas com o auxílio dessa teoria. Tem seu surgimento com a virada pragmática, momento no qual a linguística deixa de ter seu olhar somente voltado para as questões da língua em si e parte também para o seu uso, dessa maneira, promovendo um estudo que possui uma investigação relacionada com a interdisciplinaridade, voltada para áreas como antropologia, sociologia, filosofia e outras ciências humanas.

Tendo isso em vista e considerando que esse ramo da linguística possui três campos principais de investigação: a variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança, que possui como figura chave William Labov, a educacional, preocupada em aplicar esse campo de estudos nos programas de formação de professores que ensinam a língua materna, fundada por Stella Maris Bortoni-Ricardo, e a interacional, apresentada pelo linguista americano John Joseph Gumperz, que estuda, utilizando a análise do discurso, como os usuários da língua utilizam as interações sociais para produzir significado.

Optamos por, neste trabalho, voltar nosso olhar para a sociolinguística variacionista, que teve como texto fundador o trabalho de Weinreich, Herzog e Labov (1968), tendo em conta o fenômeno que pretendemos investigar, a variação entre *nós* e *a gente* em livros didáticos. Para descrever essa concepção teórica, utilizaremos o texto “A Sociolinguística Variacionista: fundamentos, pesquisas, pontos críticos”, dos autores Rebouças e Costa (2014).

Nesse texto, os autores discorrem sobre um breve panorama histórico dessa corrente de pesquisa, principais contribuições para o estudo da língua, com concepções e definições importantes. No tocante ao panorama histórico, segundo esses pesquisadores, tudo se inicia com a necessidade de estudar a língua de uma maneira que não fosse fechada, a língua em si e por si mesma, mas sim, dando importância ao uso real, dado que, existiam lacunas ao estudar a língua por si mesma, já que determinados acontecimentos não podiam ser explicados. Com essa necessidade, Weinreich, Herzog e Labov (2006) escreveram um texto chamado “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” e apresentam em um seminário, com o objetivo de renovar o interesse acadêmico sobre os estudos históricos da língua.

Esse texto fundador não apresenta uma teoria propriamente dita, mas sim propostas sistematizadas e concretas sobre estudos empíricos para uma teoria da mudança linguística, um norte para as pesquisas sobre variações e mudança linguística. Sendo dessa maneira, um texto criativo para a época, com critérios inovadores de estudo, abrindo caminho para outras pesquisas de cunho social.

Conforme afirma Rebouças e Costa (2014), a respeito das contribuições desses estudos, é inegável apontar que os posicionamentos críticos envoltos nessa teoria são um legado para o ensino e aprendizagem da língua, ao apresentarem concepções importantes, como os conceitos de variação, variantes, variáveis e comunidade de fala.

Outro ponto relevante discutido no texto, diz respeito a um trabalho que utiliza a sociolinguística quantitativa, realizada por Labov (2008), na qual ele estuda a estratificação social do “r” em Nova Iorque e conclui que as classes sociais mais altas falavam mais esse “r” que as classes baixas, assim, o autor compreende essa variação a partir do prestígio social.

Rebouças e Costa (2014) apontam que ao estudar as variáveis em um enquadramento prático, Labov (2008) não considerou aspectos de que sua categorização para análise é abstrata e que somos seres plurilíngues, já que, pertencer ou não a determinados grupos sociais é uma questão bem mais complexa, posto que, outras categorias podem explicar mais pontualmente as variações e as variabilidades dessas categorias, exemplo disso é a fala de um juiz ser uma determinada fala e já com os seus amigos ser outra:

Outro princípio da Sociolinguística é que somos seres plurilíngues, ou seja, nos comportamos linguisticamente de várias formas, uma em casa, outra no trabalho, outra forma com os colegas e amigos, outra forma numa reunião mais formal e que qualquer falante possui essa característica. (REBOUÇAS E COSTA, 2014. p. 2).

Deste modo, podemos identificar que a sociolinguística, especialmente, a do campo variacionista, irá trabalhar com a língua em uso, compreendendo que o comportamento linguístico do falante é moldado pelo contexto no qual ele está inserido e que isso pode ser estudado a partir de categorias e suas variabilidades.

1.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Como vimos, a sociolinguística lida com a variação linguística de modo indissociável à sociedade. Sendo assim, o ensino também é um campo em que a sociolinguística vai se preocupar, principalmente, no campo de estudos voltados para a vertente educacional, na qual existe a preocupação de mostrar a variação linguística no ensino escolar.

Pensando na sociolinguística educacional, podemos observar que, segundo Beline e Sousa (2014), no Brasil, há alguns anos, não existia a variação linguística como objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa e essa realidade ainda existe no nosso cenário educacional. Além disso, as autoras afirmam que por mais que existam muitos estudiosos da área atualmente, os conhecimentos de variação linguística ainda não foram incorporados de fato nas aulas da nossa língua materna e nos materiais didáticos.

Dessa forma, com o intuito de resolver essa problemática, essa vertente de estudos busca abordar reflexões sobre o ensino de língua portuguesa, no combate ao preconceito linguístico, tema bastante discutido por Bagno (2007). Ademais, como discutem Lopes e Cavalcante (2018), esse campo auxilia na compreensão de que a escola deve se apropriar das discussões da sociolinguística, contribuindo no processo de construção do respeito entre as variedades linguísticas.

Passaremos agora a abordar o texto “Variação Linguística e Ensino: crenças e atitudes linguísticas”, de Vitório (2017), com o objetivo de discutir sobre como os formadores da consciência linguística, ou seja, os professores da nossa língua materna, concebem e disseminam nos discursos o processo de ensino da nossa língua portuguesa.

Vitório (2017), pensando na escola como um espaço de construção, faz colocações relevantes a respeito dos processos de variação linguística e ensino de Língua Portuguesa, que são interligados às crenças e atitudes linguísticas na sala de aula, com o objetivo de compreender como o discurso sobre as questões linguísticas é disseminado na sala de aula.

Com essa finalidade, a autora realiza entrevistas, por meio de questionários com 12 perguntas, durante os semestres letivos 2015/2 e 2016/1, com discentes do 7º período do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, que estudaram e residem no sertão de Alagoas, futuros professores de LP.

Esses questionários são formulados com pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e dos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas (LABOV, 2008, CYRANKA, 2007; BARBOSA; CUBA, 2015; BOTASSINI, 2015; SILVA; BOTASSINI, 2015)¹, bem como, a partir da afirmativa de que a língua é um objeto social e variável, conceito estabelecido para o estudo da ciência da linguagem pela Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Adotando essa definição, como pontua a autora, os estudos da sociolinguística reconhecem que existem diferenças linguísticas entre as regras colocadas pelas gramáticas normativas e o real uso da língua, da mesma maneira que, a variação linguística não é aleatória, pois está condicionada a restrições linguísticas e extralinguísticas. Desse modo, a escola deve trabalhar com uma metodologia que leve em consideração essa concepção de língua inerentemente variável:

Dessa forma, ao considerar a língua como historicamente situada e heterogênea e focar na análise da língua em uso em diversas situações de interação social, a Sociolinguística também se distancia dos modelos de ensino que adotam uma concepção abstrata e homogênea de língua e postula que o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa precisa levar em consideração a diversidade linguística do português brasileiro e não apenas aquele padrão cultuado pela classe social de maior prestígio. Sendo, portanto, tarefa da escola valorizar a multiplicidade linguística e combater o preconceito linguístico, através do reconhecimento de que a língua é uma atividade social e do trabalho com o valor social das formas variantes (VITÓRIO, 2017. p. 122-123).

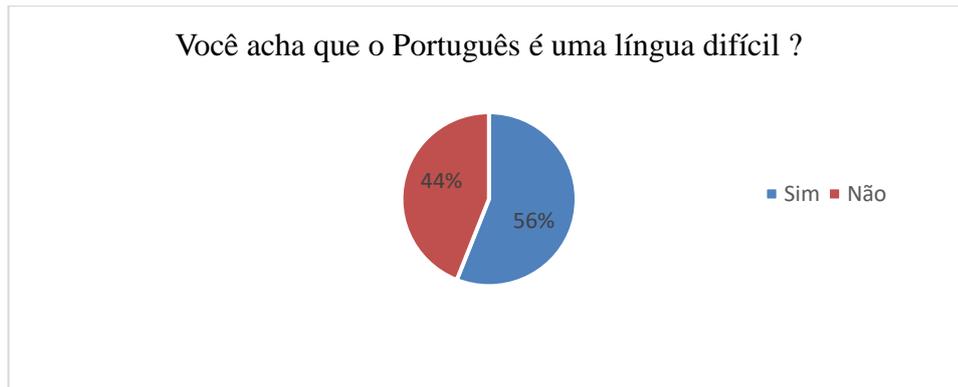
Partindo dessa afirmativa, de como o ambiente escolar deve valorizar as questões sociais envolvidas na aprendizagem dos alunos, desconstruindo os preconceitos intrínsecos em determinadas crenças e atitudes que interferem no ensino e aprendizagem da LP, Vitório (2017) apresenta uma das problemáticas da sua pesquisa, a de que é necessária a realização de reflexões e indagações dos professores de LP sobre as práticas em relação às concepções de língua e ensino, algo que poderá levá-los a refletir a prática docente.

Com essas colocações, a pesquisadora parte para a realização dos questionários, expondo a discussão dos dados levantados e análises qualitativas das respostas dos discentes,

¹Essas referências foram citadas no estudo de Vitório (2017), por isso não constam nas referências desta pesquisa.

em exposições de gráficos com resultados quantitativos. Uma das perguntas feitas pela autora é uma indagação baseada no mito nº 3 “português é muito difícil”, do livro “Preconceito lingüístico – o que é, como se faz”, do autor Bagno (2007), como apresenta o gráfico, seguido dos comentários de alguns dos entrevistados:

Quadro 1: Resultado da resposta da questão 1



Fonte: Vitório (2017, p. 129)

- (1) porque há muitas regras (Informante 7)
- (2) gramaticalmente sim, pois tem muitas regras (Informante 14)
- (3) sim pois fui escolarizado de forma que tinha que memorizar infinitas regras que eu mesmo, falante da língua, não usava e, portanto, não compreendia (Informante 10)

A partir dessas respostas, a autora chega à conclusão de que essas informações apresentam um cenário no qual o ambiente escolar é o local em que o discente considera que “saber” a língua portuguesa é ter o domínio das normas prescritas pelas gramáticas tradicionais, reduzindo, dessa forma, a língua e o seu ensino, à gramática tradicional. Como também, empregando a língua como homogênea e seu ensino apenas como codificação tradicional da língua, visões opostas às apresentadas pela teoria da sociolinguística.

Esses resultados dialogam com algumas colocações feitas por Bagno (2007), a respeito das falas: o brasileiro não sabe português e essa língua é muito difícil. Enunciados que são realizados devido ao nosso ensino da língua, por muito tempo, ter se baseado na norma gramatical de Portugal, regras aprendidas na escola que estavam, em boa parte, distantes da língua que falamos e escrevemos no Brasil. Logo, com essas prerrogativas, concebesse a crença de que não sabemos a nossa língua.

Outra questão levantada pela autora no questionário e obtida uma resposta categórica dos entrevistados, foi à seguinte indagação: Para você, o melhor e mais correto jeito de falar é o que está descrito na gramática? e Na sua opinião, pessoas que não vão à escola falam errado?

As respostas foram unânimes em não concordar com esse questionamento, apresentando, assim, uma atitude positiva em relação à diversidade linguística, afirmando que não há um melhor ou pior jeito de falar, mas sim diversidades que dependem de questões sociais, sejam regionais ou de escolaridade, e também não acreditam que pessoas que não foram para a escola falam errado, mas sim diferente, como pode ser observado nos seguintes comentários (4) e (5):

(4) não acho que seja a melhor e a mais correta forma de falar aquela que a gramática prega, porque ao dizer e acreditar nisso estaria desconsiderando tudo que está linguisticamente distante dessa norma da gramática (Informante 12)

(5) as pessoas que não vão à escola falam diferente, seguem outra norma que não é a da gramática tradicional, mas que está linguisticamente correta (Informante 3)

A última questão da entrevista, (Você acha que sua formação acadêmica o habilita para ser professor de Língua Portuguesa?), corrobora com a assertiva de que os discentes têm preocupação com a diversidade linguística, mas, não deixam de se preocupar com as normas da gramática tradicional, pois, ambas não se anulam, o aluno tem a preocupação de lidar com dados linguísticos na sala de aula, já que na universidade não estudam gramática tradicional e na escola terão essa cobrança, como mostram os comentários (6), (7) e (8):

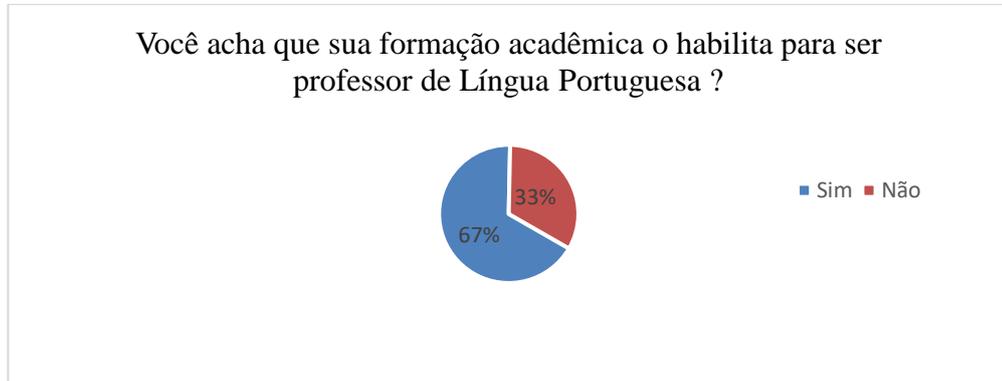
(6) preciso estudar muito ainda para não cometer erros recorrentes no ensino, por exemplo, o de querer enquadrar o aluno na gramática puramente (Informante 3)

(7) porque não estudamos a gramática tradicional que é cobrada para dar aula nas escolas (Informante 14)

(8) por se tratar que o mercado de trabalho foca somente na gramática ainda e aqui na universidade não é o foco principal (Informante 5)

Como pode ser verificado no gráfico, 67% acreditam que sim, estão habilitados para ensinar LP, já 33% respondem que mais ou menos, argumentando que precisam estudar mais:

Quadro 2: Resultado da resposta da questão 12



Fonte: Vitório (2017, p. 143)

Em suma, a autora constata que os alunos têm a preocupação em lidar com os dados linguísticos na sala de aula, o que pode indicar que os discentes não estão conseguindo aplicar as teorias sociolinguísticas à análise linguística dos dados em atividades docentes. Como também, as discussões mostram que 56% dos alunos associam a língua à gramática normativa, acreditando que o português é uma língua difícil por possuir muitas regras gramaticais, logo, saber LP é considerado dominar essas regras.

Porém, por meio da pesquisa também é possível verificar uma atitude positiva dos alunos em relação à variação linguística, ao reconhecerem que é papel da escola e do professor de LP trabalhar e preparar o aluno para diferentes situações comunicativas, levando em consideração a variação linguística.

Assim, compreendendo a ligação entre as crenças do professor sobre as questões de variação linguística, preconceito linguístico e suas atitudes na sala de aula, partiremos no capítulo seguinte para as discussões sobre os pronomes pessoais, especificamente, sobre a variação entre *nós/a gente*, objeto de investigação desta pesquisa.

CAPÍTULO II

2. PRONOMES

Neste capítulo, discorreremos sobre os pronomes pessoais, segundo a definição de gramáticas normativas, sendo elas Bechara (2009) e Cegalla (2008), abordamos o quadro dos pronomes pessoais do Português Brasileiro (doravante PB), a partir de Carvalho (2008), com um breve comparativo entre esse quadro pronominal e do Português Europeu (doravante PE), e apresentamos uma discussão sobre a variação entre *nós/a gente*.

2.1. O QUADRO DOS PRONOMES PESSOAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Os pronomes, segundo Bechara (2009) tem como um dos seus domínios substituírem/representarem lexemas, ou seja, palavras ou grupos de palavras, assim, é posto que uma unidade de qualquer estrato gramatical na cadeia da fala pode ser representada por outro ponto da cadeia falada, sendo uma unidade que faz parte da substituída com a mesma função ou mesmo zero.

Partindo dessa definição mais ampla dos pronomes, adentramos no conceito dos pronomes pessoais, que ainda segundo Bechara (2009), designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa conceituada pela tradição, a 3.^a pessoa: 1.^a pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural), 2.^a pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e 3.^a pessoa: *ele, ela* (singular), *eles, elas* (plural). Além disso, o autor afirma que as formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles e elas* funcionam como caso reto e para cada pronome pessoal do caso reto existe um pronome pessoal oblíquo, como pode ser verificado no seguinte quadro:

Quadro 3: Pronomes pessoais para a gramática normativa de Bechara (2009)

| PRONOMES PESSOAIS RETOS | | PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS | |
|-------------------------|---|----------------------------|-----------------------|
| | | ÁTONOS | TÔNICOS |
| SINGULAR: | 1. ^a pessoa: <i>eu</i> | <i>Me</i> | <i>mim</i> |
| | 2. ^a pessoa: <i>tu</i> | <i>Te</i> | <i>ti</i> |
| | 3. ^a pessoa: <i>ele, ela</i> | <i>lhe, o, a, se</i> | <i>ele, ela, si</i> |
| PLURAL: | 1. ^a pessoa: <i>nós</i> | <i>Nos</i> | <i>nós</i> |
| | 2. ^a pessoa: <i>vós</i> | <i>Vos</i> | <i>vós</i> |
| | 3. ^a pessoa: <i>eles, elas</i> | <i>lhes, os, as, se</i> | <i>eles, elas, si</i> |

Fonte: Bechara (2009, p. 139)

Assim como Bechara (2007), Cegalla (2008) também defende esse conceito e divisões dos pronomes pessoais e, como pode ser observado pelo quadro, essa divisão não contempla a entrada de novas formas no paradigma nominal da Língua Portuguesa, como as formas inovadoras *você* e *a gente*, do mesmo modo que, inclui na tabela formas que estão em desuso na contemporaneidade, como *vós*.

Pensando na não contemplação pelas gramáticas normativas das formas inovadoras e na colocação de formas que estão em desuso, Carvalho (2008) constrói uma tabela com o paradigma atual dos pronomes pessoais do PB, levando em consideração o surgimento do pronome *a gente* e a mudança de função desempenhada por *você*, que deixa de ser uma forma nominal de tratamento e passa a ser um pronome:

Quadro 4: Paradigma dos pronomes pessoais do PB, segundo Carvalho (2008)

| | Nom | Ac | Dat | Abl | Gen |
|-----|-------------------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------------------------|---|
| 1sg | <i>Eu</i> | <i>Me/eu</i> | <i>Me/mim/eu</i> | <i>Comigo/eu</i> | <i>Meu[s](minha[s]) /deu/de mim</i> |
| 2sg | <i>Você/tu</i> | <i>Você/tu/te/lhe</i> | <i>Lhe/você/te/ti</i> | <i>Contigo/você</i> | <i>Seu[s] (sua[s]) /teu[s] (tua[s])</i> |
| 3sg | <i>Ele(ela)</i> | <i>Ele(ela)/se</i> | <i>Ele(ela)/lhe</i> | <i>Ele(ela)</i> | <i>Dele(dela)</i> |
| 1pl | <i>Nós /a gente</i> | <i>Nos/nós /a gente</i> | <i>Nos/nós /a gente</i> | <i>Conosco/nós /a gente</i> | <i>De nós /da gente</i> |
| 2pl | <i>Vocês</i> | <i>Vocês</i> | <i>Vocês</i> | <i>Vocês</i> | <i>De Vocês</i> |
| 3pl | <i>Eles(elas)</i> | <i>Eles(elas)/se</i> | <i>Eles(elas)/lhe</i> | <i>Eles(elas)</i> | <i>Deles(delas)</i> |

Fonte: Carvalho (2008, p. 30)

Carvalho (2008) reconhece que existem problemáticas nessa tabela, que não abarca a complexidade dos pronomes pessoais e pensando nisso refaz o quadro, pensando na argumentatividade na divisão dos pronomes. Com essa reformulação, a tabela passa a ser dividida conforme o contraste clíticos e não-clíticos, pois, no PB o clítico ocupa a posição de objeto e já o não-clítico pode ser tanto objeto como sujeito:

Quadro 5: Pronomes pessoais na divisão clíticos e não-clíticos

| | clítico | não-clítico |
|-----|-----------|---------------|
| 1sg | <i>me</i> | <i>eu/mim</i> |

| | | |
|-----|---------------|---------------------|
| 2sg | <i>te/lhe</i> | <i>você/tu</i> |
| 3sg | <i>se/lhe</i> | <i>ele(ela)</i> |
| 1pl | <i>nos</i> | <i>nós/ a gente</i> |
| 2pl | - | <i>vocês</i> |
| 3pl | - | <i>eles(elas)</i> |

Fonte: Carvalho (2008, p. 33)

Após essa apresentação dos pronomes pessoais do PB, podemos realizar uma breve diferenciação entre o comportamento dos pronomes pessoais no PB e no PE. Citando o trabalho de Duchesi e Mendes (2009,) que trata sobre a flexão de casos dos pronomes pessoais, conseguimos traçar esse comparativo.

Os autores observam que uma das diferenças estruturais da gramática do PB que se difere da gramática do PE é a propriedade dos pronomes pessoais no PB assumirem uma forma diferente, de acordo com a função sintática que estão desempenhando, o chamado processo de flexão de caso dos pronomes pessoais, um fenômeno que está presente na nossa língua desde a passagem do latim ao português. Exemplificação disso é a de que no Brasil a substituição dos pronomes *tu* e *vós* pela forma inovadora *você(s)* e o *nós* pela forma *a gente* levaram a uma simplificação morfológica, já que essas formas não se flexionam em relação ao caso.

Esses pesquisadores apontam que essa redução da flexão é um fenômeno recorrente e acentuado no Brasil, principalmente com o crescente uso de sujeito do pronome da 3ª pessoa nas funções de objeto direto e indireto. Por outro lado, em Portugal, o uso de *tu* e *vós*, esse último, especificadamente em algumas regiões do norte, e a baixa produtividade da forma *a gente* fazem com que seja mantida intacta a flexão de caso dos pronomes pessoais, bem como, é observado que em Portugal não ocorre a substituição dos clíticos *o(a/os/as)* e *lhes(s)* pela forma do caso reto *ele(a)(s)*.

Duchesi e Mendes (2009) afirmam que essa redução da flexão no PB leva a uma clivagem, que, por sua vez, passa por toda a sistematização da língua no Brasil, distinguindo os padrões coletivos de comportamento linguístico tanto da chamada norma culta como a popular, processo nomeado por polarização sociolinguística do Brasil.

Esse fenômeno, segundo os autores, ocorre levando em conta o panorama histórico do Brasil, uma vez que, desde os primeiros séculos da colonização, a elite do país buscava conformidade com o padrão da metrópole portuguesa e essa influência de Portugal só perde força no século XX, embora, as gramáticas normativas brasileiras insistam em reproduzir os

modelos do PE. Assim, com essa influência e o surgimento das variedades populares, que se originam em situações de contato com as línguas indígenas e africanas, ocorrem alterações significativas na estrutura da língua portuguesa.

2.1.1. VARIAÇÃO ENTRE NÓS/A GENTE

Com as alterações sofridas no sistema dos pronomes pessoais do PB, para corresponder à realidade linguística do país, temos o surgimento da expressão *a gente*, como explicitado no subcapítulo anterior, forma utilizada com muita frequência pelos falantes do PB, para designar a primeira pessoa do plural, em substituição e concorrência com o pronome nós.

Em conformidade com Faria (1982) *apud* Souza e Botassini (2009) a expressão *a gente* é proveniente do latim (*gens, gentis*), *gente*, um substantivo feminino usado para significar um conjunto de pessoas que estão ligadas a um antepassado comum, como família, raça e descendência, um substantivo coletivo ou uma forma indeterminada para se referir a um grupo de seres humanos. Com o passar do tempo, passou, por extensão do uso, a ser utilizado sempre com o artigo *a*, no intuito de indicar a primeira pessoa do discurso.

Isso demonstra, segundo os autores mencionados precedentemente, que ocorreu uma mudança semântica e gramatical, respectivamente, a forma, inicialmente, utilizada como indeterminador, passa a se referir à pessoa que fala e deixou de ser um substantivo, passando a fazer parte dos pronomes pessoais.

Em acordo, Santana (2016) afirma que forma *a gente* passou por um processo de gramaticalização e o termo é empregado na linguagem coloquial para substituir os pronomes de 1ª pessoa *nós* e *eu*. Essa substituição, do *nós* pelo *a gente*, é uma mudança de natureza discursiva, variante pronominal inovadora que foi gramaticalizada com a função de pronome pessoal.

Souza e Botassini (2009), citando Omena (1996), observam que é possível que a explicação para a substituição da forma *nós* pela *a gente* esteja presente na necessidade de contradizer uma referência precisa a uma imprecisa, já que, a forma *a gente*, de acordo com a sua origem, tem um grau generalizador maior que o pronome *nós*, expressão que demonstra comprometimento do *eu*.

Assim, o pronome *A GENTE* surge em um processo de mudança da estruturação gramatical da língua portuguesa e essa origem pode ser explicada no percurso natural de mudança que a língua tende a ter, pois, assim como afirma a sociolinguística, a língua

acompanha as mudanças sociais, temporais e espaciais, auxiliando o constante movimento do sistema linguístico, dessa maneira, a variação e frequência de uso *nós/a gente* pode estar ligada ao gênero, faixa etária, escolaridade entre outras categorias.

Exemplos de frases, retiradas de dados do trabalho de Carvalho (2008), sobre a estrutura interna dos pronomes pessoais em PB, que apresentam a variação *nós/a gente*, podem ser ilustrados aqui para apresentar o fenômeno estudado nessa investigação:

- (1) *A gente/nós* é brasileiro.
- (2) Ela via *a gente/nós*.
- (3) Ela falou *da gente/de nós*.

Partindo desses conceitos e excertos, podemos citar pesquisas que trabalham com a variação *nós/a*, como Souza e Botassini (2009), que realizaram, a partir da teoria da sociolinguística variacionista, uma investigação com um *corpus* constituído de dados coletados em entrevistas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), referente às 37 cidades do interior de São Paulo, considerando região, cultura, demografia e história. Os dados foram obtidos a partir da resposta à questão “O que vocês fazem no fim de semana?”, pergunta realizada com o objetivo de conseguir respostas com o pronome *nós* e *a gente* em função de sujeito. Como resultado, foram obtidas 230 ocorrências, com os seguintes dados:

Quadro 6: Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* no interior de São Paulo

| Pronome | Número de dados | % |
|----------------|------------------------|----------|
| <i>Nós</i> | 84 | 36,5% |
| <i>A gente</i> | 146 | 63,5% |
| Total | 230 | 100% |

Fonte: Souza e Botassini (2009, p. 03)

Como pode ser observado, os autores constataram uma maior frequência do pronome *a gente* em substituição ao *nós*, um resultado esperado pelos pesquisadores, uma vez que, os informantes possuíam apenas até a 4.^a série do ensino fundamental, e em pesquisas que tratam sobre o mesmo tema, o grupo de fator grau de escolaridade é uma condicionante para a variante, com propensão da utilização do *a gente* pelos menos escolarizados e *nós* pelos mais escolarizados.

Citando um trabalho que apresenta um estudo sobre o objeto de investigação apresentado nesta pesquisa, temos a dissertação “Os pronomes *nós* e *a gente* em livros didáticos de língua portuguesa”, da autora Junkes (2008). A pesquisa tem como intuito descrever o tratamento dado aos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, em alguns livros didáticos de língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Para isso, parte da premissa de que há variação nas formas pronominais de primeira pessoa do plural nos textos dos livros didáticos e parte da noção de que essa variação não é abordada com a descrição do *a gente* como pronome nos exercícios de gramática. Tendo essas hipóteses, o texto usa como *corpora*, textos escolhidos que fazem parte de diferentes coleções do livro didático de LP.

Com apoio da teoria da variação e mudança linguística de Labov (1972) e observando se os autores do livro didático tinham a preocupação de abordar a valorização da variedade linguística, a autora constata que os resultados indicam que o uso do pronome *a gente* como primeira pessoa nos textos é significativo, principalmente no livro da 5ª série, porém, não é apresentado como uma das formas do paradigma pronominal.

Franceschini (2011) também realiza uma pesquisa sobre o fenômeno, descrevendo e analisando a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC, utilizando pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que considera a influência das variáveis linguísticas e sociais no condicionamento do uso em variação, observando que iremos nos atentar somente aos dados da variação *nós/a gente*, fenômeno que nos interessa nesta pesquisa.

Nessa investigação, constituída por 24 entrevistas distribuídas entre diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, a autora observa que há uma provável mudança em curso, pois, constatou com os dados que há uma frequência maior do uso da forma inovadora *a gente* entre a faixa etária dos mais jovens e o pronome conservador *nós* é usado com mais constância entre a faixa etária mais velha.

Na análise geral da autora sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente*, foi observado que das 1.553 ocorrências dessas formas manifestadas de forma explícita ou implícita, 783 foram de *a gente* e 770 foram de *nós*, dados que correspondem a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes. Porém, analisando somente as formas explícitas, os dados encontrados são diferentes, de um total de 1.196 ocorrências, 702 (59%) são de *a gente* e 494 (41%) são de *nós*, algo que demonstra que a forma inovadora *a gente* começa a ultrapassar o uso de *nós* na região de Concórdia.

Em resumo, observamos que a variação *nós/a gente* é foco de muitas pesquisas que estudam pelo viés da sociolinguística, pois elas observarem que a língua está em constante movimento e essa mutabilidade leva a fenômenos como a variação investigada nesta pesquisa.

CAPÍTULO III

3. NATUREZA DA PESQUISA

Neste capítulo, trataremos dos processos metodológicos adotados nesta pesquisa. Discutiremos em torno do tipo de pesquisa adotado neste trabalho e também o passo a passo para sua construção. Desenvolvemos a proposta de análise e a descrição dos processos de análise realizados.

3.1. O *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é proveniente da análise de textos abordados em livros didáticos do ensino fundamental e médio, precisamente das turmas finais destes níveis de ensino. Temos então, os textos principais de cada capítulo dos livros analisados, sendo que apenas os que apresentam a variação onde ocorre a troca do pronome NÓS pelo A GENTE foram selecionados. Os critérios de análise giram em torno do quantitativo de vezes que ocorre a variação e também dos gêneros textuais onde a variação se apresenta.

Para uma melhor compreensão deste trabalho, detalhamos abaixo as etapas da nossa pesquisa:

- Discussão e orientação sobre o objeto da pesquisa;
- Escolha dos livros didáticos a serem analisados;
- Seleção e contagem dos textos que apresentam a variação em estudo;
- Quantificação da ocorrência de troca do pronome nós pelo a gente
- Descrição desses usos e sua relação com os gêneros textuais;
- Aprofundamento nas leituras de caráter bibliográfico e elaboração da parte teórica desta pesquisa;
- Análise mais detalhada dos textos para a escrita da pesquisa.

É importante destacarmos que os livros didáticos em estudo são de séries finais, tanto do ensino fundamental como do ensino médio, e que foi necessário promover uma comparação dos gêneros textuais onde a variação se faz presente, para um detalhamento mais comparativo entre os dois volumes em estudo.

3.1.1. O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Na atual sociedade, onde os recursos tecnológicos estão sendo utilizados com uma maior frequência, principalmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o livro didático ainda está bastante presente dentro das salas de aula, pois, o mesmo é tido como o grande referencial pelos professores, se estabelecendo como um material que foi pensando de forma intencional para o uso de determinadas situações dentro das escolas coletivas, que são as salas de aulas, e de forma individual, nos lares dos discentes, possuindo como principal função social colaborar para o desenvolvimento de ensino–aprendizagem formal ou sistematizado dentro da língua portuguesa.

O LD é um instrumento educacional, que funciona como uma ferramenta complementar da prática do professor em aula, cooperando também para o estudo individual do aluno. O mesmo é um importante material de apoio para o processo de ensino-aprendizagem, pois, acaba contribuindo com o trabalho do professor e com o aprendizado dos alunos. Embora a prática pedagógica dos professores atualmente envolva diversas dimensões, como por exemplo pesquisa constante para o aprimoramento de seu trabalho em sala de aula, um livro didático com bons textos, ilustrações pertinentes, uso adequado das TICs e informações atualizadas, auxiliam significativamente nos planos de ensino. Para que suas possibilidades sejam aproveitadas ao máximo, o livro didático deve estar adequado às necessidades da escola, do aluno e do professor.

O LD tem um espaço fundamental no processo de escolarização dos indivíduos, uma vez que, encontram-se disseminados no meio escolar e muitas vezes constituem-se no único material dessa ordem mais acessível aos alunos, contudo apesar de toda tecnologia já presente em sala de aula, o LD ainda ocupa seu lugar de aporte fundamental para o ensino, e ainda possibilita que os alunos possam ter contato com diferentes universos por meio do seu conteúdo. Segundo Verceze e Silvino (2008, p.87) “se o professor souber explorá-lo, fazendo uso de sua criatividade, inserindo, através de textos, a diversidade de gêneros textuais necessária ao alunado, certamente, lhe propiciará boas reflexões sobre sua realidade”.

Reconhecemos, portanto, a importância do livro didático diante do processo de ensino-aprendizagem e, por isso, propomo-nos a estudá-lo. No tópico abaixo, iremos apresentar os LD de LP em estudo.

3.1.2. OS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS NESTA PESQUISA

Sabemos que há décadas o livro didático do ensino básico público é distribuído através do Ministério da Educação e Cultura, para o ensino fundamental e médio das escolas públicas de todo o país. Assim como acontece com várias disciplinas, o livro da disciplina de língua portuguesa está entre eles. Tendo este como aporte para o presente estudo, foram selecionados dois volumes, (01) um do ensino médio e (01) um do ensino fundamental, sendo que os mesmos correspondem respectivamente às séries finais destes níveis de ensino.

Ao nos propormos investigar a variação entre nós e a gente nesses volumes selecionados, sabemos que vamos encontrar gêneros textuais diversos, uma vez que logo percebemos que há uma diversificação dos gêneros entre os dois níveis de ensino estudados. Assim, de forma bem breve, apresentamos abaixo a noção de gênero textual.

Da constate necessidade que temos de interagir e comunicar-se com o outro, surgiram os gêneros textuais. Estes não podem ser numerados, visto que variam muito e adaptam-se às necessidades dos falantes. Mesmo que não possamos contá-los, é possível observar que eles possuem peculiaridades que nos permitem identificá-los e reconhecê-los entre tantos outros gêneros. Entre as características dos gêneros textuais estão a apresentação de tipos estáveis de enunciados, além de estruturas e conteúdos temáticos que facilitam sua definição. Eles são essenciais na nossa vida em comunidade. Quanto a isso Marcuschi diz que:

já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Partindo dessa noção de gêneros, tais livros analisados têm características específicas, o do ensino fundamental é característico ao que se destina, pois, espera-se que os alunos neste nível comecem a dominar o nível padrão da língua, porém, por estarem numa fase mais inicial, nem todos os gêneros textuais presentes no livro desse nível de ensino são voltados para uma linguagem culta, em comparação com os textos do livro do ensino médio. Já estes, diferem muito do ensino fundamental. Espera-se que os alunos já dominem de forma mais tranquila o uso padrão da língua, uma vez que já passaram por vários anos de escolarização. Devido à faixa etária, escolarização vivida e meio social a que pertencem, os livros didáticos têm como pretensão fazer do aluno adolescente um sujeito social com perfil diferenciado,

assim, os gêneros textuais trabalhados no livro procuram ser mais cultos e focados em um nível de ensino mais elevado.

Os dois volumes são da editora Saraiva, estavam em uso no ano letivo em que iniciou esta pesquisa (2018), e ambos integram o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O livro do 9º ano do ensino fundamental (Português Linguagens) tem como autores William Cereja e Thereza Cochar e o do 3º ano do ensino médio (Português Contemporâneo: diálogo reflexão e uso) tem como autores William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien.

Acerca dessas fontes apresentadas, a seguir apresentamos os dados coletados e a análise dos objetivos propostos neste trabalho.

CAPÍTULO IV

4. A ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Realidade e pesquisa conseguem se equiparar de maneira confiável, considera-se que há uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não tem como ser traduzida em números. Para Lakatos e Marconi (1985), na pesquisa qualitativa, a coleta de informações acontece de forma natural. A pesquisa qualitativa, por sua vez, não requer uso de métodos e técnicas estatísticas, a interpretação dos fenômenos parte exclusivamente do pesquisador. Denzin, Lincoln (2006, p.17) observam que “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. A partir de uma análise qualitativa, trazendo o quantitativo como reforço, apresentamos a seguir a análise e discussão dos dados.

4.1. FREQUÊNCIA E TRATAMENTO DO PRONOME A GENTE AO INVÉS DO PRONOME NÓS NO *CORPUS*

Para podermos quantificar a frequência dos pronomes em estudo, partimos da escolha por verificar onde havia o pronome A GENTE no lugar do pronome NÓS, pois, ainda que aconteça essa variação nos livros didáticos, esses pronomes não são estudados relacionados um ao outro, na parte gramatical do livro, independente dos tipos ou gêneros textuais ali contidos. É preciso esclarecer que estamos tratando que o pronome A GENTE está no lugar do pronome NÓS simplesmente pelo fato de ser um método que nos parece eficaz para que se consiga realizar a quantificação nesse tipo de estudo a que nos propomos desenvolver. Portanto, não estamos assumindo que um pronome é melhor que o outro, longe disso, mas levamos em consideração que o item lexical A GENTE é ainda considerado inovador quando se diz respeito ao enquadramento dele quanto à função gramatical de pronome.

Observados os textos principais de cada capítulo dos volumes em estudo, foram encontrados 09 textos que apresentam ocorrências da troca do pronome NÓS pelo A GENTE no livro do 9º ano do ensino fundamental e apenas 06 textos no do 3º ano do ensino médio.

O livro do 9º ano é composto por 04 unidades, cada qual com 03 capítulos e para cada capítulo há um texto foco, sendo assim foram analisados 12 textos neste volume, onde 75% deles apresentaram a variação em que o pronome NÓS é trocado pelo A GENTE. No livro do 3º ano do ensino médio temos um volume dividido também entre 04 unidades, cada qual subdividida em 03 capítulos, dentro destes há uma divisão através de temáticas, para cada

qual há um texto foco, totalizando 44 textos analisados. Deste total apenas 06 textos apresentaram a variação, ou seja, apenas 14% dos textos.

Quadro 7: Quantidade e ocorrências da variação nos níveis de ensino

| Quantidades de Textos LD 9º ano Fundamental | Ocorrências de variações | Quantidades de Textos LD 3º ano E. M | Ocorrências de variações |
|--|---------------------------------|---|---------------------------------|
| 12 | 09 | 44 | 06 |

Fonte: o autor

De acordo com esses dados obtidos, confirmamos o esperado, que há a predominância da troca do pronome NÓS pelo A GENTE, aparecendo em maior escala no LD do ensino fundamental. Em apenas 12 textos, há 9 ocorrências, já no LD do ensino médio o número de textos é bem maior e mesmo assim a ocorrência de variação é menor, apenas 6. Vejamos algumas sentenças em que a variação aparece:

1º “ quando **a gente** está apaixonada o coração dispara e o sangue esquenta”; (sentença retirada do LD do ensino médio)

2º “... **a gente** senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.”; (sentença retirada do LD do ensino fundamental)

3º “... **a gente** vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sono atrasado.”; (sentença retirada do LD do ensino fundamental)

4º “ **a gente** se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir.” (sentença retirada do LD do ensino fundamental)

5º “É bobice, Maria da Graça, disputar uma corrida se **a gente** não irá saber quem venceu.”² (sentença retirada do LD do ensino médio)

Vemos acima sentenças ligadas ao cotidiano das pessoas, diálogos, fatos que ocorrem num contexto social. Como prevemos, são em textos que apresentam esses contextos mais de ordem social onde aparecem mais a troca dos pronomes que estamos estudando. Em torno desses dados apresentados, no tópico a seguir apresentamos as considerações acerca dos resultados obtidos.

² Todos os exemplos mostrados foram retirados do *corpus* (LD)

4.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RESULTADOS

A partir da análise dos dados coletados, foi perceptível que há uma considerável diferença com relação à quantidade de ocorrências encontradas nos livros dos dois níveis de ensino, como apresenta o quadro de número 7.

A partir desses dados, foi possível observar que mesmo ambos os LD dos níveis em questão abordem temáticas semelhantes como, racismo, cultura, relacionamentos, família, fome, entre outros, o LD do ensino fundamental possui uma ocorrência de variações maiores, trazendo conteúdos voltados para um contexto social, a exemplo temos gêneros como: poemas, quadrinhos, tirinhas, piadas, dentre outros que podem ser mais usados nesse tipo de contexto. Já os gêneros textuais que aparecem no LD do ensino médio têm um caráter mais científico e tecnológico, a exemplos temos: fôlder, anúncios, contos, notas de jornal, manchetes, etc, fazendo assim com que o aluno seja preparado para o novo universo estudantil que o espera (a universidade).

Acerca da estrutura dos livros estudados, os dois volumes apresentam um mesmo modelo. Um texto sobre determinado tema inicia o capítulo e a partir dele é desenvolvido todo o trabalho do professor, abre o espaço para diálogos, interpretação e compreensão por meio de perguntas e respostas, explora a linguagem, o vocabulário, propõe produções, traz exercícios de fixação e trabalha a gramática normativa, em que se nota que apesar de presente nos textos, a variação aqui em estudo não é trabalhada no contexto gramatical dos livros, ou seja, não há o reconhecimento da possibilidade de variação entre esses pronomes pessoais, nem tampouco reflexões acerca desse uso variável.

Percebemos que o gênero textual é um motivador a mais para a ocorrência da variação. Quando eles estão mais relacionados à comunicação oral, em gêneros como piadas, história em quadrinhos, tirinhas, a variação é mais fácil de acontecer, ou seja, a troca do pronome NÓS pelo A GENTE geralmente acontece quando o texto apresenta um caráter mais dialogado, com relatos sociais, ou diálogo entre as pessoas. Na figura a seguir apresentamos um texto retirado do livro do 9º ano do ensino fundamental e outro do 3º ensino médio, para uma breve discussão acerca disso.

Figura 01: Texto “Eu sei, mas não deva”, retirado do livro do 9º ano do ensino fundamental

 **Cruzando linguagens**

Leia este texto, de Marina Colasanti:

Eu sei, mas não devia

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E porque à medida que se acostuma esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

[...]

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o que necessita. A lutar para ganhar o dinheiro com que se paga. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes, a abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema, a engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às besteiras das músicas, às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À luta. À lenta morte dos rios. E se acostuma a não ouvir passarinhos, a não colher frutas do pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas de mais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente só molha os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sono atrasado.

A gente se acostuma, para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, se perde em si mesma.

(In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco.)

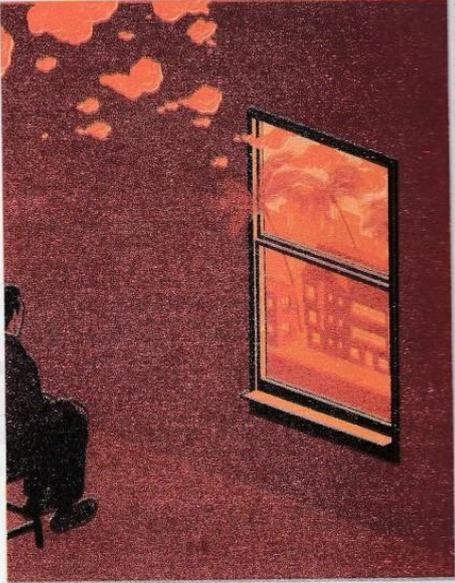


Figura 02: Texto “Namorados”, retirado do livro do 3º ensino médio

1. (ENEM)

● ● ● ● ● ● ● ●

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
 — Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.
 A moça olhou de lado e esperou.
 — Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?
 A moça se lembrava:
 — A gente fica olhando...
 A meninice brincou de novo nos olhos dela.
 O rapaz prosseguiu com muita doçura:
 — Antônia, você parece uma lagarta listrada.
 A moça arregalou os olhos, fez exclamações.
 O rapaz concluiu:
 — Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

Manuel Bandeira. *Poesia completa & prosa*.
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

● ● ● ● ● ● ● ●

No poema de Bandeira, importante representante da poesia modernista, destaca-se como característica da escola literária dessa época

(Fonte: CEREJA, William Roberto; VIANA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso. São Paulo: Saraiva, 2016,p.92)

Conforme dissemos anteriormente, podemos observar que gêneros escritos que refletem a comunicação oral são os aportes para a ocorrência da variação. Temos nas figuras acima dois textos, em que um apresenta um caráter de relato e o outro, de diálogo, trazendo a variação em seu contexto. Esses contextos parecem ser favoráveis a esse fenômeno na escrita, pois, trata-se na maioria deles, de narrativas relacionadas com a oralidade do falante. Assim, por meio dos gêneros de textos analisados, percebemos que esse tipo de variação nos LD analisados pode estar mais centrada na questão da oralidade.

Observamos mais uma vez, no texto apresentado na figura a seguir, retirado do livro do 3º ano do ensino médio, que a variação entre NÓS/A GENTE ocorre com menos frequência nesse livro, mas se faz presente em textos que trazem um contexto mais social de uso da língua, a exemplo temos o conto “Uma vela para Dario”:

Figura 03: Texto “Uma Vela Para Dario”, retirado do livro 3º ensino médio

PRODUÇÃO DE TEXTO

O conto moderno e contemporâneo

FOCO NO TEXTO

Leia este conto, de Dalton Trevisan:

.....

Uma vela para Dario

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo. Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las.

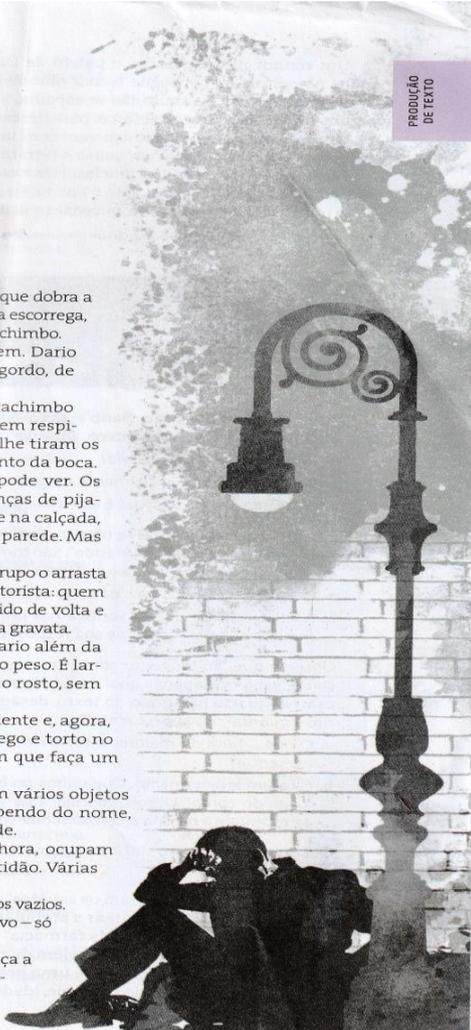
Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las.

Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio – quando vivo – só destacava molhando o sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

A última boca repete – *Ele morreu, ele morreu*. E a gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.



Nelson Provazi

O Modernismo. Concordância nominal. O conto moderno e contemporâneo **CAPÍTULO 2** 59

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

(In: Italo Moriconi, org. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2001. p. 279-80.)

Nelson Provazi



1. Na cena inicial do conto, Dario está caminhando apressado na calçada

(Fonte: CEREJA, William Roberto; VIANA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. São Paulo: Saraiva, 2016, p.59-60)

Como observado e apresentado, há poucas ocorrências da variação no livro do ensino médio, nesse texto, por exemplo, só aparece uma, mas vale destacarmos que mesmo esse LD possuindo textos de caráter mais científico, a variação entre NÓS e A GENTE ocorre, só que geralmente ela aparece na escrita de alguns dos textos que apresentam temáticas mais de ordem social.

Os dois livros em estudo foram destinados a adolescentes, faixa etária que, segundo OMENA (1996, p. 25), em seu estudo “A gente está se gramaticalizando”, o uso do A GENTE se apresenta com mais frequência. Para a autora isso pode estar associado a um processo de mudança linguística em curso.³No caso do nosso trabalho, não podemos verificar isso, pois o público alvo dos LD analisados são os adolescentes.

Independente do nível de ensino e do gênero dos textos apresentados, sabemos que os alunos de fundamental e médio estão exatamente nesse grupo de jovens o qual estamos tratando, e que por ventura isso pode determinar também o porquê da presença da variação. Ainda que dentro de textos voltados para uma faixa etária mais jovem a variação apareça com mais frequência, isso pode não ser uma justificativa decisiva, pois, além do público a quem se destina, sabemos que tantos jovens como adultos compartilham dos mesmos valores sociais. É mais plausível associar o uso da variação em questão em relação à escolarização do que em relação à faixa etária.

Na figura 1 o pronome A GENTE aparece para descrever inúmeras situações do dia a dia, comuns ao cotidiano das pessoas. Na figura 2 ele aparece em meio a um diálogo entre namorados, algo bem comum na vivência de jovens. Na figura 3 ele aparece em meio a um conto, que trata de uma situação vivida por Dário.

Percebemos, portanto, que a presença do pronome A GENTE nos LD estudados parece estar mais relacionada a questões de textos que se aproximam mais da oralidade e de textos com temáticas mais de ordem social, ou seja, parece que o uso desse pronome é restrito, não sendo muito aceito na escrita dos textos de um modo geral.

³ Mudança linguística em curso é o processo de modificação e transformação que todas as línguas experimentam em geral, e as unidades linguísticas de cada um dos seus níveis em particular, na sua evolução histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar, à luz da sociolinguística, a ocorrência da variação entre NÓS/ A GENTE, especificamente a frequência da troca do pronome NÓS pelo pronome A GENTE, em textos de livros didáticos. Neste sentido, apoiamos-nos nas propostas de Rebouças e Costa (2014); Labov (2008); Weinreich, Herzog e Labov (1968); Vítório (2017) e Bagno (2007), para realizamos a presente pesquisa.

A partir dos dados obtidos, vemos que além dos fatores escolaridade e gênero textual, a temática do texto, textos de caráter e conteúdo mais relacionado ao social e à oralidade, apresentam com mais frequência o fenômeno estudado, o que foi encontrado com mais frequência no livro do ensino fundamental.

Nossa análise mostrou, como previsto, que por meio dos conteúdos trabalhados no ensino fundamental e no ensino médio, há uma diferença relativa de ocorrência da variação nos textos, e que em nenhum dos livros foi encontrada atividade ou exercício de gramática que fizessem alusão a essa variação nos textos.

Acreditamos que com esta pesquisa, pudemos mostrar que na língua portuguesa, há uma gama de variações que fazem parte da própria estrutura da língua e também de estruturas sociais, que as impulsionam. Apesar de caminhos metodológicos diferentes, as pesquisas evidenciam o uso variável da língua, seja ela no seu nível escrito ou falado.

Podemos notar, por fim, que nesse contexto onde a variação se dá de forma natural, o pronome A GENTE ainda está às cegas aos olhos dos autores dos livros. Por isso, faz-se de tamanha importância o conhecimento sociolinguístico por parte do professor, que é quem media e manuseia o uso do LD em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – o que é, como se faz. 49 ed. Loyola: São Paulo, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELINI, Raimunda; SOUSA, Maria. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO: um olhar sob a perspectiva Sociolinguística. **Revista (Con) Textos Linguísticos (UFES)**, v. 8, p. 211-230, 2014.
- CARVALHO, Dannel. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.
- CEGALLA, Domingos. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015
- CEREJA, William Roberto; VIANA, Carolina Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. São Paulo: Saraiva, 2016.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- FRANCESCHINI, L. **VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE E TU/ VOCÊ EM CONCÓRDIA – SC**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- JUNKES, Márcia. **OS PRONOMES NÓS E A GENTE EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Maria; CAVALCANTE, Maria. **A importância da sociolinguística educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa.** In: Festival Literário de Paulo Afonso - FLIPA, 2018. p. 88-98.

LUCCHESI, D., and MENDES, EP. A flexão de caso dos pronomes pessoais. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 471-488.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. et al (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2010, p. 235-24.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. **Variação e discurso.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

REBOUÇAS, A.; COSTA, A. Sociolinguística Variacionista: fundamentos, pesquisas, pontos críticos. **Interletras**, v 3, ed.19. 2014.

SANTANA, L. **A Variação Pronominal Tu/Você e Nós/A gente em Livros Didáticos de Português como Língua Estrangeira.** Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, São Paulo, 2016.

SOUZA, A.; BOTASSINI, J. A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES-SUJEITO NÓS E A GENTE. **Anais do SILEL.** Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

VERCEZE, R. M. A. N; SILVINO, E. F. M. S. 2008. O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim. **Práxis Educacional.** v. 4, no4, p.83-102.

VITÓRIO, E. Variação Linguística e Ensino: crenças e atitudes linguísticas. **SIGNUM:** Estud. Ling, Londrina, n. 20/3. 2017. p. 118-146.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.